

FAZERSENTIRPENSAR COM IMAGENS/SONS OS COTIDIANOS

*Jalmiris Regina Simão
Leila Santana*

*Longe se vai sonhando demais,
mas onde se chega assim?*
(Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá)

Tessituras com a Educação de Jovens e Adultos: *narrativasvida de professorasaprendentes*

Entendemos ser possível transformar sonhos em projetos pedagógicos a partir das redes que formamos e nas quais nos formamos (Alves, 2019), como *professorasaprendentes* da Educação de Jovens e Adultos (EJA). É possível ir longe, sonhando em escolas públicas, periféricas e efetivar uma educação atendendo às singularidades da modalidade e especificidades dos sujeitos.

Uma de nós, nos belos horizontes da capital mineira e a outra, nos balaios que inspiraram o nome do município de Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro, que comprometidas com pensamentos freirianos e princípios da Educação Popular, desenvolvemos currículos *praticadospensados* (Oliveira, 2012), a partir das demandas dos *praticantespensantes* daqueles cotidianos escolares.

O Projeto *Let's Dance* - dança e corporeidade, em Belo Horizonte, ultrapassou guias e normativas curriculares para a EJA, que excluía atividades corporais e apontavam para práticas supletivas e compensatórias, que, em verdade, intentam emudecer as múltiplas linguagens dos sujeitos. A partir de temas curriculares, o *fazersentirpensar* dos *praticantespensantes* é exteriorizado desde a seleção das músicas, partindo de conhecimentos advindos de experiências, lembranças, portanto, de *conhecimentossignificações* (Alves, 2019), que emergem ao narrar de forma escrita, oral ou com imagens.

Imagem 1: Conhecimento tecido ao dançar



Fonte: Arquivo pessoal da autora 1.

Na sala de aula, o movimento, a dança e a música são oposição à dicotomia corpo-mente. As carteiras empilhadas denotam o rompimento com práticas silenciadoras do corpo, reconhecendo as possibilidades de aprendizagem para além da estaticidade.

Imagem 2: Expressões do saber



Fonte: Arquivo pessoal da autora 1.

São formas de narrar e tecer saberes ancestrais, muitas vezes pertencentes a *peçoaslivro*, assim denominadas por estudantes de Belo Horizonte, por serem detentoras de histórias únicas de suas comunidades.

A força da narrativa permite o alinhavo de fios da memória, favorecendo o aprender *dentrofora* da escola. Um potencial transformador nas *narrativasvida*, aquelas que inspiram e mantêm vivo o *esperançar* (Freire, 1987).

Imagem 03 - Biografias inspiradoras

Carolina Maria de Jesus



Marielle Franco



Fonte: Arquivo pessoal da autora 2.

A partir das leituras e discussões sobre personalidades negras, biografias foram apresentadas em classe, na periferia de Duque de Caxias, através de narrativas orais, escritas e audiovisuais. O *Narrativas Negras* foi um projeto que levou à identificação dos estudantes com histórias de vida de superação, coragem e persistência, instigando-os a também alçar voos através da educação. A utilização de audiovisuais oportunizaram outras formas de interação, ampliando possibilidades de tessitura de conhecimentos.

Imagem 04 - *Narrativasvida*



Fonte: Arquivo pessoal da autora 2.

Corpo, mente, imagens e sons possibilitaram a utilização de linguagens diversas nas salas de aula, ampliando o repertório de significados e revelando o *fazersentirpensar* nos processos educacionais.

As fotografias *tomadas* (como dito em espanhol) dos cotidianos preservam momentos singulares, dos quais nos apropriamos, pois, imagens são narrativas. Elas externam o que as palavras não dão conta de dizer de vidas que se tornam parte das nossas e que resgatam histórias marginalizadas dos sujeitos da EJA e emergem como fonte de reflexão, formação e empoderamento.

Referências

ALVES, Nilda. *Práticas Pedagógicas em Imagens e Narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. São Paulo: Ed. Cortez, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Currículo como criação cotidiana*. Petrópolis: DP et Alii, 2012.

Sobre as autoras

Jalmiris Regina Simão é mestre em Educação (FFP /UERJ). Doutoranda (PPGE/UFRJ). Pós-graduada em Alfabetização e Letramento (UFSJ), Psicopedagoga Clínica e Institucional (Fac. Batista). Neuroaprendizagem, dificuldades e transtornos (UNESA). Pedagoga. Normalista. Publicações em livros e periódicos educacionais.

Leila Santana é doutoranda em Educação pelo PROPED/UERJ, mestre em Educação pelo PPGECC/UERJ-FEBF. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa SoCib/UERJ. Pós-graduanda em Educação de Jovens e Adultos, Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica. Pedagoga, docente da Educação Básica, na EJA. E-mail: leilasantana.edu@gmail.com,

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0646-2938>,

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2798062612183146>),